

A família “ainda” é o mais importante: relações familiares e solidariedades nos meios populares

Cristina Santos Silva

Com a presente comunicação pretende-se apresentar algumas conclusões de uma investigação realizada no bairro de Alfama, em Lisboa, no âmbito da qual se entrevistaram 18 famílias, caracterizando os seus modos de organização e a sua dinâmica ao longo da trajectória familiar. Tendo a pesquisa em questão, como objectivo, compreender as especificidades de estruturas familiares complexas – alargadas e múltiplas – que residem em meio urbano, desde logo, se destacaram as suas relações familiares e as formas de entajuda e solidariedade típicas de um meio socio-económico desfavorecido. É destas formas de solidariedade primária e dos tipos de entajuda e redes de apoio familiares encontradas num meio popular como Alfama, que esta comunicação pretende dar conta.

Pretende-se, então, caracterizar os tipos de interacção que podemos encontrar entre os membros da família e entre estes e a rede de parentesco alargada. Dá-se importância às ajudas e às trocas efectuadas entre os vários membros da família e entre a família e o exterior, e às estratégias adoptadas para garantir a manutenção e a reprodução da estrutura familiar.

De facto, foi possível confirmar que as relações que se estabelecem entre os membros de um grupo doméstico e as formas de solidariedade que daí advêm são condicionadas pelos contextos materiais e objectivos que as enquadram, assim como, pelos valores e princípios culturais da família, que por sua vez, estão em constante adaptação face às mudanças que ocorrem na estrutura social.

Foi, precisamente, ao questionarmos a existência de redes de entajuda nas famílias complexas de Alfama que encontramos uma grande solidariedade intergeracional, baseada numa forte noção de reciprocidade entre pais e filhos. Mas que tipo de ajudas são prestadas? E quais as trocas realizadas entre estes grupos domésticos complexos e os outros membros da rede de parentesco não co-residente? Por exemplo, a quem é que se recorre em caso de uma necessidade financeira súbita e a quem é que se pede ajuda e apoio afectivo no caso de um problema mais íntimo?

Antes de respondermos a estas questões importa conhecer um pouco melhor as famílias estudadas. No que diz respeito à sua composição, o critério de selecção teve em conta o facto de serem estruturas familiares alargadas ou múltiplas, pois era a complexidade familiar o objecto de estudo desta pesquisa. Do total das 18 famílias entrevistadas, 11 correspondem a grupos domésticos de família alargada, 4 a grupos domésticos de família múltipla, e 3 a grupos domésticos de família simples ou nuclear.

Quanto ao sentido do alargamento este é variado, sendo de notar nos grupos domésticos alargados a predominância do alargamento ascendente – essencialmente, pais ou sogros – e do alargamento descendente – netos e sobrinhos. Já nas famílias múltiplas o alargamento é maioritariamente des-

cedente, pois trata-se de filhos que após o casamento se fixaram em casa dos pais ou sogros.¹³⁹

De realçar, a forte tendência para o alargamento ser à família da mulher, ou seja, há um maior número de núcleos conjugais secundários que vivem com os pais da esposa ou que receberam os pais da esposa, e no caso das famílias alargadas os parentes co-residentes são familiares da mulher. Esta tendência para a uxorilocalidade, ou lateralização à família da mulher, tinha já sido também notada por Pereira (1995) nos grupos domésticos complexos do Porto.¹⁴⁰

É importante aqui, também, situar as famílias entrevistadas em termos de pertença social e recursos económicos. A estrutura sócio-económica do bairro de Alfama é relativamente homogénea, pois os indivíduos na sua maioria pertencem ao que se convencionou chamar meios populares, ou seja, áreas residenciais onde predominam os trabalhadores assalariados da indústria, do comércio e dos serviços, com baixas qualificações escolares e reduzido capital económico.

Como primeira evidência, podemos apontar, desde já, a forte solidariedade intergeracional encontrada, traduzida aqui pelo apoio dos pais ou sogros na cedência de alojamento temporário ou definitivo para os seus filhos. Esta forma de apoio, que neste contexto é uma grande ajuda, é típica dos meios operários e dos assalariados agrícolas e industriais em Portugal, tal como refere Vasconcelos (2002).¹⁴¹ De facto, dada a inexistência de um património a doar ou um capital económico que se possa traduzir na doação de grandes quantias em dinheiro, a única alternativa é a partilha da casa e a vivência em complexidade, o que para a maioria destes novos casais é a única forma de começar uma nova vida conjugal. Por outro lado, confirmou-se também o protagonismo das mulheres neste tipo de apoio, pois são habitualmente as filhas que ficam em casa dos pais, o que denota a existência de uma forte cumplicidade entre mãe e filha e conseqüente apoio mútuo, reforçado por situações de adversidade, como por exemplo uma gravidez precoce.

Ao analisarmos o discurso destas famílias verificamos, também, que a preponderância dos laços de germanidade nas relações familiares é um dos fenómenos mais evidentes. Os fortes laços existentes entre irmãos e irmãs e/ou cunhados e cunhadas foram encontrados em todas as famílias entrevistadas e podem ir apenas até ao nível da sociabilidade, mas em muitos casos são os irmãos e cunhados que desempenham um papel fundamental em alturas de crise familiar, fornecendo apoio psicológico e ajuda financeira mútua sempre que é necessário. Os irmãos que dispõem de uma situação financeira mais favorável contribuem, também, para a promoção social dos seus irmãos com um nível de vida mais carenciado, procurando proporcionar-lhes um bem-

¹³⁹ Para um aprofundamento das questões metodológicas no âmbito desta pesquisa, ver: Silva, S. C. (2001) *Famílias de Alfama, Dinâmicas e Solidariedades Familiares num Bairro Histórico de Lisboa*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

¹⁴⁰ Também José Virgílio Pereira ao diagnosticar uma certa gendrificação nas suas famílias do Vale do Ave faz a seguinte afirmação: “... a entreaajuda é feminina, pois são as mulheres que dão apoio em caso de necessidade.” – Pereira, J. V. (1997). *Famílias de classe e modalidades de estilização da vida numa freguesia industrializada do Vale do Ave*. Tese de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

¹⁴¹ Cf. Vasconcelos, P. (2002). Redes de apoio familiar e desigualdade social: estratégias de classe. *Análise Social*, n.º 163. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.

estar económico e uma ajuda que os seus pais não poderiam prestar, como é o caso das irmãs da Edite:

“Dão-me coisas para a casa, tenho ali aquela coisa ‘limoges’ que é bastante cara, a minha irmã ofereceu-me pelos meus anos, tenho ali dois serviços da Vista Alegre, são elas que me dão porque podem e dão-me coisas que eu se calhar não podia comprar, para o comer tenho, como bem, mas há coisas que eu não podia e elas dão-me, tenho imensas peças de valor, tenho dois Vieiras da Silva que me trouxe a minha irmã de França, que um vale a quase mil contos e outro seiscentos, também são oferecidos por elas, são Vieira da Silva mesmo originais, eu é que só mandei fazer a moldura! Tenho uma boa garrafeira, também oferecida por irmãs minhas, tenho aí vinhos com sessenta anos, que é essa minha irmã que é casada com o médico dá-me, prontos, tenho muita coisa que as minhas irmãs me ajudam.” (Edite, 36 anos, empregada de limpezas/vendedora ambulante, família nuclear).

Encontramos aqui evidência, novamente, do que Vasconcelos (2002) chamou gendrificação dos apoios familiares, no sentido em que estas ajudas são obra das mulheres. Quase todas as nossas entrevistadas referem os contactos, a ajuda e o apoio psicológico recebidos frequentemente das suas irmãs e da sua mãe, revelando-se estes laços afectivos mais fortes e mais constantes entre as mulheres do que entre os homens.

Também estudos como os de Pitrou (1978), Dandurand et Ouellette (1990), Attias-Donfut (1993) e Lee (1979) demonstraram que, em contextos diversos, as trocas se fazem muito mais em linha feminina do que masculina e que as mulheres são aí as actrizes principais. Parece assim que quando falamos de entreaajuda familiar, o peso da solidariedade repousa em grande medida sobre as mães de família, inclusive no plano normativo onde a ajuda em linha feminina é julgada mais normal (Pitrou 1978) e mais natural (Lesemann et Martin 1993).¹⁴²

Os nossos entrevistados também confirmaram a importância dos laços de germanidade, pois verificamos que os irmãos e cunhados fazem parte da rede de parentes que os nossos entrevistados consideram mais próximos. Introduziram ainda aqui os laços de aliança e os laços de filiação como determinantes para definição daqueles que são considerados família e com os quais se estabelecem fortes laços de amizade.

“(Os meus parentes mais próximos) é o meu irmão, é os meus cunhados, a minha sogra e a minha mãe, mais ninguém!” (Jorge, 35 anos, desempregado/ex-servente de armazém, família nuclear).

“Portanto, os parentes próximos são os meus sogros, os meus pais, o meu irmão e as minhas sobrinhas, mais ninguém...” (Luís, 46 anos, aposentado/ex-conferente de armazém), família múltipla).

Estes parentes que são considerados próximos e com os quais os entrevistados dizem manter uma relação de amizade, pertencem como podemos verificar à rede de parentes mais restrita, ou seja, aos ascendentes directos e aos colaterais. No fundo, são aqueles aos quais se está unido por laços afectivos mais fortes resultantes da co-residência em determinadas fases do ciclo de

¹⁴² Autores referidos por: Coenen-Huther, J.; Kellerhals, J. et Allmen, M. (1994). *Les réseaux de solidarité dans la famille*. Lausana: Réalités Sociales, 39.

vida familiar e aqueles que se adoptam por aliança, como os sogros ou os cunhados.

Este último aspecto é, particularmente, interessante porque confirma a hipótese apresentada nalguns estudos de que os laços familiares estabelecidos com a linha de parentes do cônjuge têm quase sempre uma intensidade igual aos laços de sangue, ou seja, parece que os nossos entrevistados consideram os familiares do seu marido ou esposa da mesma forma que os seus próprios familiares.

Por outro lado, importa salientar que embora a maior parte dos parentes seleccionados como próximos residam na mesma casa dos nossos entrevistados, ou seja, façam parte do grupo doméstico complexo – principalmente os pais, os sogros e os filhos – os irmãos e cunhados foram também escolhidos e na nossa opinião esta escolha tem a ver com critérios de afinidade, pois apesar de serem família são aqueles que se consideram realmente amigos e a quem se pede ajuda em caso de necessidade.

“Eu se precisasse de alguma coisa secalhar só pedia a familiares, apesar de ter muitos amigos... Eu tenho com o meu irmão e com a minha cunhada...temos efectivamente uma ligação muito grande” (João, 60 anos, reformado/ex-tipógrafo, família múltipla).

“(...) não morreu ainda ninguém, mas tenho a certeza se morrer um de nós se houvesse essa fatalidade de o meu marido ter um acidente, ou eu mesmo, porque a morte toca a toda a gente, não escolhe idades, tinha irmãs competentes para olhar pelos meus filhos (...) mas tenho irmãs que tenho a certeza que ficavam, como eu com as poucas posses que tenho, se as minhas sobrinhas precisarem, pois eu também ficava com as minhas sobrinhas! (...)E tenho a casa graças à minha irmã e à minha sogra porque senão não tinha! Naquela altura não havia empréstimos, não havia trabalho certo e a minha irmã disse “compra que eu empresto!”(Edite, 36 anos, empregada de limpezas/vendedora ambulante, família nuclear).

Verificamos, assim, que os nossos entrevistados referem como próximos, essencialmente, os familiares. Embora também tenham amigos, é àqueles que consideram família que recorrem em caso de necessidade, principalmente aos irmãos e cunhados que são considerados verdadeiros amigos. Esta tendência para valorizar os familiares em detrimento dos amigos é algo de característico dos meios populares como Alfama, onde os laços de parentesco se sobrepõem aos laços de amizade; e está também associado ao facto dos familiares residirem quase todos no mesmo bairro ou em zonas próximas, o que favorece a convivência e a disponibilidade para ajudar.

Segundo o estudo de Dandurand e Ouellette (1992) em meio operário os laços mais activos e mais fortes são os familiares, que estão ao mesmo nível que os laços de amizade e de vizinhança para os indivíduos do topo da hierarquia das profissões. Estes meios mais privilegiados são caracterizados pela diversidade dos laços, pela fragmentação das trocas entre diversas redes, constituindo uma malha bastante complexa onde os parentes não têm o monopólio.

No mesmo sentido vão os resultados do inquérito de Allan (1977): metade dos seus entrevistados pertencentes à classe operária mantêm relações profundas com pelo menos um dos seus irmãos ou irmãs (do mesmo sexo) que eles consideram o seu melhor amigo ou amiga; ora este tipo de relação privi-

legiada só existe em uma para três das famílias da classe média e mesmo nesses casos está longe de ocupar o lugar central que ocupa na vida dos operários. Também Bonvalet *et al.* (1993) verificaram que o círculo dos próximos contém uma proporção de parentes nitidamente mais elevada nos operários que nos quadros superiores. Convém notar aqui que não é o número de parentes que varia, é antes o número de amigos que são considerados próximos que duplica nas classes mais elevadas.

Por outro lado, o papel mais importante que joga a rede de parentesco na sociabilidade dos meios populares apoia-se na grande proximidade geográfica dos membros dessa rede, enquanto que no topo da hierarquia social a dispersão dos domicílios dos parentes é uma realidade evidente. Embora não tenhamos a certeza se aquela proximidade é intencional ou não, muitos autores estimam que é frequente uma vontade de residir perto dos seus parentes, essencialmente, no caso dos meios populares onde a escolha de viver no bairro está ligada à presença dos familiares. Para Pitrou (1978) a deslocação das redes familiares devida aos fenómenos de urbanização foi limitada pela resistência à mobilidade do mundo operário. Assim como Segalen (1987) nota que a recusa de mobilidade e o desejo de residir ao pé dos seus constituem um indicador da importância da economia informal entre os membros da rede de parentesco.¹⁴³

É claro que muitos outros factores entram em linha de conta, no que diz respeito a pedir ajuda, para além da proximidade geográfica dos familiares ou amigos: por exemplo, a co-residência com os sogros ou os pais; os valores e hábitos transmitidos pela família, como o de não pedir a estranhos; anteriores recusas ou conflitos com familiares; tudo isto são factores que implicam uma maior ou menor predisposição para solicitar ajuda à família em caso de necessidade. Mesmo assim, o apoio prestado pela rede de parentesco é evidente e está sem dúvida associado à importância que os nossos entrevistados dão à família:

“A família para mim...enquanto a minha família me respeitar, como têm respeitado a mim e à mãe até agora, é o maior valor que me podem dar! É o maior valor que me podem dar...” (António, 65 anos, reformado/ex-estivador, família alargada).

“Ai, a minha família para mim é tudo na vida! As minhas filhas, os meus netos, os meus genros que me adoram!” (Fernanda, 59 anos, mulher a dias, família alargada).

“Dos meus pais ficaram-me as ideias, principalmente de honestidade acima de tudo, e de convivência, de amizade, e principalmente família, familiar, que tento de alguma maneira transmitir para os meus filhos. (...) A família é o mais importante...” (Luís, 46 anos, aposentado/ex-conferente de armazém, família múltipla).

Mas embora o conceito de família corresponda idealmente à família nuclear, na prática ele é para a maior parte destas famílias quase sempre alargado aos parentes ascendentes, descendentes ou colaterais que vivem com o grupo nuclear e que constituem o grupo doméstico na sua complexidade. No fundo, a família parece ser constituída por aqueles com quem se contacta dia-

¹⁴³ Cf. Coenen-Huther, *et al.* *op. cit.* (1994).

riamente e com que se estabelece a maior parte das trocas afectivas e materiais.

No que diz respeito à frequência dos contactos e encontros com os “outros familiares” da rede de parentesco mais alargada, apesar de se considerar que existe uma relação forte, as visitas são esporádicas, não se verificando uma assiduidade nos encontros, mas existindo frequentes contactos telefónicos.

Isto significa que as necessidades afectivas e de sociabilidade são, essencialmente, preenchidas com “os de casa”, o que quer dizer que a complexidade familiar tem também funções ao nível da formação das redes de amizade e sociabilidade. Foram, também, referidas muitas vezes as visitas aos sogros ou pais e aos filhos que já saíram de casa, o que significa na nossa opinião que as relações verticais ocupam a mais larga fatia no âmbito das relações familiares. No caso de se residir com uma das linhas de familiares ascendentes o problema fica parcialmente resolvido, mas é necessário manter o contacto assíduo com a outra linha, quer sejam os sogros ou os pais.

É realmente a este nível que se sobrepõem todos os indicadores: é entre os pais e os filhos que se verificam os laços afectivos mais fortes, entre quem as trocas e as ajudas são mais frequentes, e onde o sentimento de dívida, de obrigação e de reciprocidade é mais intenso. Esta última ideia é bem ilustrada pela Maria:

“É a minha mãe que fica com os miúdos desde sempre todo o dia porque eu trabalho à noite e praticamente não os vejo, e também trabalho aos fins-de-semana. Eu gostava de ficar em casa a fazer tudo, mas não tenho possibilidades... E dar um bocadinho mais de descanso à minha mãe! Tirar de todo essas tarefas que ela tem em cima dela! Porque ela já tem setenta anos... E ficar eu a tomar conta dela!...” (Maria, 41 anos, copeira, família múltipla).

“Quando o meu pai morreu, a minha mãe veio para ao pé de mim. Não a ia deixar sozinha.” (Maria Clara, 42 anos, doméstica, família alargada).

A solidariedade intergeracional é muito forte nas famílias encontradas e constitui-se como a base das solidariedades primárias,¹⁴⁴ não só nos meios populares, mas também na maior parte das famílias dos outros meios sociais. No caso das famílias entrevistadas, o apoio dos pais traduz-se como já vimos na partilha de alojamento, mas também nas pequenas ajudas quotidianas, como a guarda dos netos. De facto, muitos destes grupos domésticos tornam-se ainda mais complexos com a chegada dos netos, pois em algumas das famílias entrevistadas a presença dos netos é constante, quer seja pelo facto de viverem em casa dos avós juntamente com os seus pais, quer seja porque são os avós que deles tomam conta durante todo o dia, ou ainda porque estão à sua guarda permanente.

“Cá em casa somos eu, a minha mulher e o meu neto. Mas já tive cá mais filhos e netos que não tiveram outras hipóteses na altura. O meu neto nasceu aqui, ele nasceu na maternidade e veio para aqui com dias! A mãe abandonou-o e a gente tivemos com ele desde a idade de oito meses, agora tem vinte e um anos. Mas eles são nove e estão com a gente todos os dias” (António, 65 anos, reformado/ex-estivador, família alargada).

¹⁴⁴ Para um aprofundamento desta ideia, ver: Nunes, J. A. (1995). Com mal ou com bem, aos teus te atém: as solidariedades primárias e os limites da sociedade-providência. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 42: 9-10.

“(…) porque elas “tão sempre ali na minha casa, ficam, durante o Inverno ficam, dormem lá na minha casa, agora (que é Verão) é que vêm com os pais, dormem a noite com os pais e de manhã, às seis horas da manhã, o pai e a mãe vão levá-las à minha casa. E sou eu e a minha filha, que a minha mulher ‘tá a trabalhar, que tomamos conta delas. Uma tem sete anos, anda aqui na segunda classe e a outra tem trinta meses que é a minha bisneta e afilhada!” (Paulo, 70 anos, reformado/ex-contínuo, família nuclear).

A entreajuda é evidente: os pais mais uma vez procuram apoiar os filhos e consequentemente os netos, tomando conta destes enquanto os pais trabalham ou mesmo durante toda a semana. De facto, não são apenas as famílias de Alfama que recorrem aos avós para tomar conta dos seus filhos, muitas há que perante a escassez de instituições e locais apoiados pelo Estado e face à falta de recursos económicos que lhes permitam aceder a uma creche ou infantário privados não têm outra opção. É que a única alternativa à “instituição avós” é a mulher ficar em casa com as crianças, o que no caso destas famílias seria dramático em termos económicos.

Pensamos ser importante notar que no caso dos nossos entrevistados e no contexto sociocultural que é Alfama, a rede de relações de entreajuda e de solidariedade mútua entre familiares e, principalmente, a existência de uma forte noção de reciprocidade é um dos elementos estruturadores da manutenção e reprodução destes grupos domésticos.

De facto, o nível económico e cultural destas famílias é tão baixo que não lhes favorece o acesso aos benefícios sociais concedidos pelo Estado, como apoio na guarda das crianças, subsídios de desemprego ou reformas por velhice, porque os seus empregos e situações contratuais são precárias ou são situações de trabalho por conta própria não enquadradas legalmente (com os devidos descontos para a segurança social), e ainda muitas vezes porque as suas habilitações escolares não lhes permitem compreender como aceder aos mecanismos de apoio estatal, existindo uma grande desconfiança e mal-estar em relação aos funcionários da segurança social.

Esta ideia é também defendida por Pitrou (1992): segundo esta autora, nos meios populares permanece uma certa dúvida em relação à intervenção das instituições públicas, patente no facto de no caso da guarda das crianças se recorrer, preferencialmente, aos serviços das avós. Inversamente, os membros das classes mais favorecidas apropriam-se dos serviços públicos enquanto seus, não se sentindo manipulados como as pessoas de recursos mais modestos, o que é contraditório com o facto de que aqueles serviços estão destinados, em princípio, para estes últimos.

É por esta razão que as famílias aqui entrevistadas consideram muito mais fácil recorrer ao apoio familiar e é aqui que entram em funcionamento as solidariedades primárias desempenhando um papel de complementaridade para as situações onde os serviços públicos não conseguem chegar.

O apoio prestado pelos avós no que diz respeito à guarda dos netos é um exemplo disso mesmo: dada a inexistência de instituições estatais onde os pais possam deixar os filhos sem grandes custos, a alternativa é oferecida pela assistência prestada pelos avós. Da mesma forma os filhos sentem o dever de alojar os seus pais idosos, pois seria impossível para estes manterem-se por sua conta com reformas muito baixas ou inclusive sem qualquer tipo de prestação social ou assistência médica domiciliária. As solidariedades primárias

são assim accionadas naturalmente sempre que os membros do grupo doméstico têm que enfrentar uma situação para a qual não conseguiram outro tipo de apoio.

Embora não se tenha verificado a existência de um relacionamento frequente entre as famílias complexas entrevistadas e a rede de parentesco mais alargada, pensamos que se comprovou a permanência de uma forte rede de solidariedade latente, facilmente accionável por um dos lados em momentos de crise familiar. A disposição dos grupos domésticos complexos para acolher os parentes em caso de necessidade é uma manifestação frequente dessa solidariedade. Mesmo no caso de não terem quartos disponíveis na casa, os nossos entrevistados consideram sempre a hipótese de receber algum parente com um problema de saúde ou de outro tipo. Pelo menos temporariamente, havendo inclusive alguns que considerariam essa hipótese definitivamente.

“(…) Está aqui sempre um quatinho para alguém ficar e eu se for preciso fico na sala, não tenho problemas. Eu fico na sala e pronto fica ali o quarto à disposição!...” (Carlos, 50 anos, electricista, família alargada).

“(…) Aconteceu até ao ano passado, uma prima do meu marido esteve cá. O meu marido é de Torres Vedras e então esteve cá uma prima, filha de uma tia dele e esteve cá a estudar na Lusíada durante cinco anos a fazer o curso de arquitectura, e portanto ela dormia na sala. Ficou aqui junto dos familiares... Não havia necessidade dela ir alugar um quarto quando afinal nós cá estávamos... e realmente eram pessoas de família.” (Marília, 42 anos, doméstica/ex-auxiliar de enfermagem, família alargada).

“A minha casa é pobrezinha, mas cabe sempre mais um, arranja-se sempre lugar, seja para amigos seja para família!...” (Fernanda, 59 anos, mulher a dias, família alargada).

“Um familiar meu recebia, agora assim um desconhecido, um estranho, é que não aceitava de maneira nenhuma! Se fossem irmão ou um tio meu, isso sim senhor. (...) Mesmo que fosse para sempre, não me importava!” (Luísa, 30 anos, empregada de limpezas, família alargada).

Como se pode ver a maioria das pessoas entrevistadas seria capaz de “dar até a sua cama” para alojar um parente necessitado. Esta solidariedade parece ser algo que foi transmitido de uma geração para outra como um valor fundamental para a manutenção da família e a vivência da complexidade na casa dos pais também contribuiu para que se criasse esta disposição para acolher parentes, ou seja, há uma reprodução das redes de entajuda familiar.

Mas vamos encontrar ainda um reforço desta ideia no facto de se residir num bairro histórico como Alfama, isto é, os valores da entajuda e da solidariedade são muito valorizados pela população desta zona e inclusive são parte integrante daquilo que se designa por cultura popular e, conseqüentemente, elemento estruturador da identidade colectiva dos nossos entrevistados.

“Sim, se se souber que alguém está em dificuldades, vai-se lá. Se souber claro que se ajuda! Eu faço isso à minha vizinha de baixo, ela é sozinha, é velhota, de vez em quando precisa de medicamentos, eu é que os vou dar ou comprar. Eu é que lhos dou!” (Helena Maria, 32 anos, empregada de refeitório, família alargada).

“Aqui em Alfama ajudam-se uns aos outros. Mesmo que estejam zangados eles deitam as mãos às pessoas. A gente pode estar zangados, não é? Mas se

aquela pessoa ali “tiver aflita, a gente vai socorrer e não há ódio. O ódio arrecadou-se!” (Júlia, 62 anos, doméstica/ex-vendedora ambulante, família múltipla).

Os laços familiares existentes nas famílias aqui estudadas são assim complementados com laços de vicinalidade, pois foi possível encontrar redes de apoio entre vizinhos do bairro de Alfama. Parece-nos que nos meios populares a solidariedade é o eixo catalisador de muitos dos processos e dinâmicas, internas e externas à família.

De facto, as relações familiares no seio do grupo doméstico complexo são intensas, mas também não se pode negligenciar a capacidade dos seus membros de estenderem a sua solidariedade a outros membros da rede de parentesco mais alargada e inclusive a amigos e vizinhos do bairro. No sentido do que outros estudos concluíram para a família nuclear, também a família complexa não está isolada. Ao contrário do que se poderia pensar – pois as relações de sociabilidade e as trocas poderiam restringir-se apenas aos seus membros – as famílias complexas mantêm fortes laços de sociabilidade com outros parentes não residentes e a entreaajuda é frequente. Para os nossos entrevistados a família “ainda” é o mais importante.